



VENENOS

Oscar Leal, prosador, jornalista, romancista e teatrólogo, carioca de 1862, cirurgião-dentista por muito tempo residente em Recife, colaborador do *Jornal do Domingo* e de *O Judarão*, ambos periódicos com circulação na capital pernambucana enviara, em fins de 1893 a Antônio Sales seus *Contos do Meu Tempo* e *Viagens às Terras Goianas*.¹

Pelas páginas de *A República*, numa terça-feira de 23 de janeiro de 1894, na seção *Notas para Todos* o nosso poeta, sob a capa de Ibrahim, fazia a crítica honesta aos dois livros acima citados, o que desagradou ao jovem escritor. Não satisfeito, endereçou Oscar Leal a Antônio Sales seu novo livro *Viagens a um País de Selvagem*. Mas por essa época o dentista conseguira ludibriar o jornalismo de além-mar e já redatoriava *A Madrugada*, jornal lisboense, durante dois anos, de 1894 a 1896.

O Pão de 15 de junho de 1895 estampava a crítica azeda e impiedosa de Antônio Sales sob o criptônimo de M.J.: *“Este senhor Oscar Leal que, talvez por escrúpulos de cortesia, tem sido tão bem acolhido em Portugal, a ponto de se lhe permitir que faça conferências no salão da Sociedade de Geografia, não passa de um mistificador, um espertalhão, sem a mais leve sombra de merecimento intelectual. Afirmamos isto pelo conhecimento que temos de dois livros seus, — Contos do meu tempo e Viagens às terras goianas — onde o autor se revela crassamente ignorante, ridículo e falto de senso comum”*.

Oscar Leal não aceita a descompostura e maquina, então, uma vingança. Toma o soneto *Visita Matinal* de Trovas do Norte e após traduzi-lo para o espanhol, manda-o para publicação em Lisboa, com grande tiragem e largamente distribuído por toda a imprensa brasileira, sob o suposto nome de Hermínio Palma, poeta espanhol dado como residente em Barcelona, e autor do livro de poesias *Malagueñas*. Ainda Oscar Leal publica em Recife o soneto em foco apontando o nosso poeta como reles plagiador.

Aqui em Fortaleza o caso estourou como uma bomba. Foi um Deus nos acuda. Os amigos e admiradores do autor de *Versos Diversos* se entreolharam, boquiabertos. Os inimigos e indiferentes saboreavam o delicioso prato.

A luta travada por Antônio Sales para aclarar a verdade foi ingente. Cartas dirigidas a Hermínio Palma retornaram com a declaração de que o destinatário não tinha parada naquela cidade espanhola. Após cerrada correspondência com o Rio, Lisboa, Madri, chegou-se a conclusão de que o nome do autor era falso e que tudo não passara de uma infâmia bem urdida.

Seus amigos respiraram aliviados. Mas os detratores de Antônio Sales voltaram à carga; decorridos oito anos do primeiro caso, aparecia um tal de Jorge Tovar e pelas colunas do Comércio da Paraíba acusava-o de plagiário. Em 1914, de novo o velho episódio seria revolvido por outro caluniador no Almanaque Luso-Brasileiro para 1915, ocasião em que Antônio Sales, cansado, perguntava em sua crônica-defesa: Ainda?

Desmascarado Oscar Leal, tanta celeuma trouxe um saldo positivo para Antônio Sales; com a solidariedade que recebera da imprensa carioca, paulista, baiana, recifense, mineira e paraense, a certeza de que seu nome rompera as fronteiras do acanhado e do provinciano, agora acatado e conhecido nos meios culturais mais adiantados de nossa terra.

De qualquer maneira, o micróbio da desconfiança ficara implantado, pois como escrevera Antônio Sales, *"quem lê a ofensa, muitas vezes não lê a defesa, e a maldade humana é sempre propensa a acreditar mais naquilo que é nocivo a seu semelhante"*.

Outro episódio, este acontecido no Rio, escolheu como vítimas Belisário Távora e Antônio Sales, apontados por Graco Cardoso como cúmplices de um roubo de estampilhas na Casa da Moeda, através de uma notícia veiculada pela imprensa fortalezense suposta e velhacamente transcrita de um periódico inexistente na terra carioca.

Há muito, desde o tempo em que Graco Cardoso freqüentava as aulas da Escola Militar do Ceará, não eram amistosas suas relações com o nosso retratado. Era a época da Padaria Espiritual e o cadete sergipano definia os paideiros *"cabeçudos pretensiosos desvairados pela ambição de gonfalonarem a mocidade laboriosa do Ceará"*.

Antônio Sales meteu-lhe o chicote em O Babaquara de 1912 no capítulo O Moleque Graco, *"o piolho lázaro criado nas virilhas da oligarquia Acióli"*, na definição de Domingos Olímpio.

Mas não pararam aí as maldades, os venenos de que foi alvo o nosso Antônio Sales. Um cidadão alagoano, F. Seixas, pegou o soneto conhecidíssimo Pesca da Pérola, inicialmente publicado no Libertador de 16 de setembro de 1891 e incluído em Trovas do Norte e o enviou para o Cruzeiro do Norte de Maceió. E no número 168 desse diário de 2 de agosto de 1894 saía como de sua autoria o referido soneto.

Irritado com tanto descaramento, Ibrahim pelo Libertador de 17 de agosto daquele ano, na crônica Pega! passou-lhe um pito em regra: *"Pois não lhe dói a consciência de locupletar-se assim com o trabalho do próximo? Se você não tem capacidade para produzir qualquer coisa, peça a Deus que o mate e ao Diabo que o leve, mas não queira fazer figura à custa dos outros, que não têm culpa nenhuma de não o favorecerem as Musas. Que homenzinho desabusado, credo!"*

NÓTULAS

¹ Redator de A Madrugada de Lisboa, de 1894 a 1896. Colaborador do Diário do Maranhão e de periódicos recifenses. Autor de O Manuel de Sousa, Um Marinheiro do Século XV, Zélia, Mulher Galante, Contos do Meu Tempo, Viagens às Terras Goianas, Brasileiros Célebres, Do Tejo a Paris, Viagens a um País de Selvagem e de Palomita, opereta em um ato. Manhosamente, Oscar Leal, escondido em Lopes Carqueja, publicava num folheto as opiniões de diversos jornais e escritores sobre o seu recente livro. Claro que ele receberia pelo O Pão de número 24 uma contundente sova de Antônio Sales na crônica À Galope, por essa altura aborrecido ao descobrir que Carqueja, "que arqueja e que orneja" e Leal eram "duas alimárias distintas numa só pessoa verdadeira". E dizia não entender como a imprensa lusitana se deixara iludir por um aventureiro que ainda tinha o despudor de lançar em Lisboa uma revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica chamada A Madrugada e de fabricar livros ao invés de preparar dentaduras. . . Enfim, Hermínio Palma e Lopes Carqueja continuavam no pé de Antônio Sales. Até mesmo o padeiro Anatólio Gerval saiu-se com esta quadri-
nha:

"O Doutor Oscar Leal,
que aqui sempre foi dentista,
azulou pra Portugal
e lá se fez jornalista!"